

## Por uma representação da verdade em *Grande Sertão: Veredas*

Prof. Dr. Volnei Edson dos Santos<sup>1</sup> (UEL)

### Resumo:

*Tem-se aqui como suporte a seguinte afirmação de Riobaldo: “Diadorim é minha neblina”. Procurar-se-á demonstrar que nela se encontra o registro do relato da travessia de Riobaldo pelo Sertão como um tipo especial de verdade: Aletheia. Ela consiste num procedimento específico a efetivar-se por meio do constante jogo entre manter-se ao mesmo tempo encoberto e descoberto. No texto rosiano, há que se considerar (1) o contraste entre “neblina” e “clareira”, ao mesmo tempo; (2) a proximidade da afirmação de Riobaldo em relação à pergunta de Nietzsche: “Supondo que a verdade seja uma mulher – não seria bem fundada a suspeita de que todos os filósofos, na medida em que foram dogmáticos, entenderam pouco de mulheres?”. Busca-se entender e até recuperar em Guimarães Rosa, no que diz respeito à verdade, a antiga perspectiva do enigma (ou do labirinto), que lhe parece ser congênita, também cuidadosamente tratada por Heidegger e Nietzsche.*

**Palavras-chave:** Diadorim, Verdade, Neblina, Clareira, Travessia

### Introdução

No âmbito da tradição filosófica ocidental e de acordo com a compreensão que tem Heidegger desta tradução, visualiza-se, com o advento de Platão, uma mudança de sentido no termo que os gregos utilizavam para dizer “verdade”. Assim, da mesma maneira que opera um deslocamento do sentido que tinha para os gregos o termo **eidós** (forma e seu cognato idéia), fazendo com que ele deixasse de significar o sensível e o aspecto visível de algo e mudasse de direção apontando então para aquilo que pertenceria ao domínio do inteligível “para dizer a essência de tudo e de cada coisa” (HEIDEGGER, 2002. p. 23), Platão desloca também o termo **alethéia** (verdade enquanto desencobrimento). Como decorrência disso, desde Platão, quando dizemos “verdade” a entendemos como **adequação** ou como aquilo que se encontra correto numa determinada **representação**. Ela perde seu aspecto enigmático do mostrar-se e do esconder-se de acontecimentos determinantes para uma determinada época ou formação e passa a referir-se exclusivamente ao que é próprio da construção de um objeto por parte de um sujeito.

Alguns pensadores, principalmente Hume, Nietzsche e Heidegger, colocam-se, cada um a seu modo, como críticos desse obstinado percurso pós-platônico da verdade no ocidente. De modo mais específico, Nietzsche e Heidegger são aqueles que ensaiam um certo retorno ao sentido originário da “verdade”, sustentando-o como mais pertinente quando se trata da relação do homem com os acontecimentos que lhe determinam o percurso. No entanto, há que se levar em consideração que entre estes dois últimos existe uma diferença bastante importante: em Nietzsche, a suspeita, mais próxima do ceticismo de Hume, nos enreda em direção a uma compreensão da verdade que sempre nos encontra no terreno da criação e da perspectiva, sendo tão somente o resultado de um jogo que dará à perspectiva que resulta, com mais poder, este estatuto; em Heidegger, a verdade, enquanto clareira, significa aquilo que permite o descobrir-se de um acontecimento que não é mais algo como uma simples produção de um sujeito, mas sim como algo que surge como um apelo feito ao homem que se dispõe, ao espantar-se e em “assumir esse espanto como morada” (HEIDEGGER, 2002. p. 229).

De acordo com aquilo que aqui se ensaia, os dois filósofos, apesar da divergência acima colocada, podem se encontrar no universo de *Grande Sertão: Veredas* de João Guimarães Rosa. Esse encontro torna-se possível em torno de Riobaldo, seu personagem narrador, em seu incerto, vacilante e labiríntico percurso através do sertão e em torno do acontecimento Diadorim como determinante nos rumos deste percurso. Tem-se então, um terreno privilegiado para o imprevisto encontro destes dois pensadores e para a visualização deste originário sentido da verdade e dos limites concernentes ao homem quando se trata de sua busca: “O sertão não chama ninguém às claras; mais, porém se esconde e acena. Mas o sertão de repente se estremece, debaixo da gente...” (ROSA, 1986. p. 461).

## **1 A respeito da neblina e da clareira**

É sempre no admirar-se e no perguntar-se a respeito da “verdade” das coisas, — da verdade enquanto comércio que o homem necessariamente estabelece entre o mundo exterior da natureza e da cultura e o mundo de sua, de difícil acesso, interioridade, — que sempre se determinou o percurso que faz o conhecimento. Aqui, conhecimento deve ser entendido como tentativa de mediação entre o escuro e o claro, entre o fadado ao encobrimento e o obstinado ao desencobrimento a qualquer preço, entre a memória e o esquecimento e, enfim, entre o conhecimento do mundo e o conhecimento de si mesmo. Nesse sentido, nunca será demais afirmar que, depois de Hume e de Nietzsche, tal obstinação recebeu um claro limite: será sempre com o “véu impuro” de crenças e de ficções que se estabelecerá uma possível aproximação para com o que se espera ser a realidade. Desse modo, a própria verdade, enquanto um desvelamento a todo custo, passa a ser compreendida como uma inelutável ficção:

Já não cremos que a verdade continue verdade, quando se lhe tira o véu... Hoje é, para nós, uma questão de decoro não querer ver tudo nu, estar presente a tudo, compreender e ‘saber’ tudo[...] Deveríamos respeitar mais o pudor com que a natureza se escondeu por trás de enigmas e de coloridas incertezas. Talvez a verdade seja uma mulher que tem razões para não deixar ver suas razões? (NIETZSCHE, 2001, p.15)

No contexto de *Grande Sertão: Veredas* e do percurso de aprendizado de Riobaldo, seu personagem-narrador, pelo claro-escuro do Sertão, Diadorim, sua persistente neblina, parece ser a representação por excelência desta verdade-mulher. Assim, embora plena de idas e vindas, de indicativos e de deixas, a narração no romance busca perfazer, por um lado, o caminho relativo ao encobrir-se de Diadorim em direção ao seu desencobrimento e, por outro lado, ao insólito destino de Riobaldo que apenas lhe permite conhecer quando o acontecimento já encontra o seu declínio, tornando-se apenas presença mediante uma lembrança que o “alembra” (ROSA, 1986. p. 20). Resta assim apenas a compreensão, por meio da narração enquanto um “trabalho de luto sem fim” (BOLLE, 2004. p. 258), do aspecto trágico da matéria já vertida:

Mandou todo mundo sair. Eu fiquei. E a mulher abanou brandamente a cabeça, consoante deu um suspiro simples. Ela me mal-entendia. Não me mostrou de propósito o corpo. E disse... Diadorim — nu de tudo. E ela disse: ‘A Deus dada. Pobrezinha...’ E disse. Eu conheci! Como em todo tempo antes eu não contei ao senhor — e mercê peço: — mas para o senhor divulgar comigo, a par, justo o travo de tanto segredo, sabendo somente no átimo em que eu também soube... Que Diadorim era o corpo de uma mulher, moça perfeita... Estarreci. A dor não pode mais do que a surpresa. A coice d’arma da coronha... (ROSA, 1986, p. 530)

Fazendo isto, a narração parece colaborar com a hipótese de que há no percurso de aprendizado de Riobaldo uma apreensão do sentido da verdade, também ligado ao que Heidegger aponta como sendo o traço fundamental de tudo aquilo que é vigente e que “consiste em manter-se encoberto e manter-se descoberto” (HEIDEGGER, 2002, p. 232). Os vários indicativos de Diadorim por palavras ou gestos são lidos ou vistos por Riobaldo na ambigüidade de um dizer-se ou mostrar-se que, ao mesmo tempo em que diz, acena e dá sinais, encobre-se de maneira fatal para o narrador quando ainda em travessia. Longe de uma apreensão do acontecimento em seu descobrir e como se ainda vivesse em tempos arcaicos, quando imperava a arte divinatória como modo de se relacionar com a verdade, enquanto enigma dirigido ao homem, o distraído Riobaldo, que parece bem saber que aquele que cai na armadilha do enigma estará fadado à derrota, arrepende-se de não ter se consultado com Ana Duzuza, “adivinhadora da boa ou da má sorte da gente” (ROSA, 1986. p. 24), sobre os rumos que os acontecimentos poderiam tomar:

E se a Duzuza adivinhasse mesmo, conhecesse por detrás o pano do destino?[...] Me arrependi de não ter pedido resumo à Ana Duzuza. Ah, tem uma repetição, que sempre outras vezes em minha vida acontece. Eu atravesso as coisas — e no meio da travessia não vejo! — só estava entretido na idéia dos lugares de saída e de chegada (ROSA, 1986. p. 26).

Nessa direção, no que se refere ao acontecimento Menino/Reinaldo/Diadorim/Maria Deadorina, Riobaldo, abandonado em meio a contradições, dúvidas, inseguranças e preconceitos e, desse modo, limitado no jogo do claro-escuro da clareira, permanece na neblina. Sob a influência do obscuro Heráclito, Heidegger parece assim expressar esse distrair-se de Riobaldo em relação a uma amizade que parecia ser, durante a travessia, por si mesma, bastante transparente e que, depois de desvelado o acontecimento, surge como “amarga falseada” (ROSA, 1986. p. 536):

Os mortais lidam sem cessar com reunião recolhadora que descobre e encobre. Lidam sem cessar com a reunião que clareia em sua vigência tudo o que vige. Eles se afastam, porém, da clareira, voltando somente para o vigente que encontram imediatamente na lida cotidiana com tudo e cada um. Os mortais consideram que essa lida com o vigente confere, como de per si, a familiaridade adequada. O vigente se lhes mantém, no entanto, estranho (HEIDEGGER, 2002, p. 248).

## **2 Os acenos de Diadorim**

O percurso dessa verdade-mulher, que “não se deixou conquistar” (NIETZSCHE, 1996. p. 7), nos reenvia, antes mesmo de seu efetivar-se na narração de *Grande Sertão: Veredas*, a uma certa noite durante a festa oferecida pelo vaqueiro Manuelzão, por ocasião da inauguração de uma pequena capela com a imagem de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro em memória de sua mãe, Dona Quilina, e contada no primeiro volume de *Corpo de Baile*. Acompanha-se aqui a hipótese interpretativa de Wille Bolle segundo a qual *Corpo de Baile* pode ser entendido como uma espécie de antecâmara de *Grande Sertão: Veredas*: “Discípulo de Dédalo, Guimarães Rosa é também o autor de um vasto tablado narrativo sobre o sertão, com o título coreográfico *Corpo de Baile* — de onde *Grande Sertão: Veredas* se originou” (BOLLE, 2004, p. 202). Nele se encontra a primeira indicação de Diadorim, que será a “figura guia”, ainda segundo Bolle, a orientar Riobaldo em sua reprodução do sertão, enquanto um labirinto.

Na noite que antecedia à festa de inauguração da referida capela, preenchia-se o tempo com cantigas e “estórias”, “estórias contadas, na cozinha, antes de se ir dormir, por uma mulher” (ROSA, 2006, p. 164). Esta mulher era Joana Xaviel, “moradora desperdida, por aí”. Tais “estórias” e cantigas versavam sobre reis fazendeiros e sobre príncipes e princesas:

Ela recontava a estória de um Príncipe que tinha ido guerrear gente ruim, três longe da porta de sua casa, e fora ficando gostando de outro guerreiro, Dom Varão, que era moça vestida disfarçada de homem. Mas Dom Varão tinha olhos pretos, com pestanas muito completas, o coração do Príncipe não se errava, ele nem podia mais prestar atenção em nenhuma outra coisa. Vai daí, foi perguntar ao Pai e à Mãe dele suplicar conselhos: “Pai, ô minha Mãe, ô!/estou passado de amor/Os olhos de Dom Varão/É de mulher, de homem não!”. A Rainha mãe ensinava ao filho seguidos três estratégias, astúcia para fazer Dom Varão esclarecer o sexo pertencido. Quanto sucedia este final, o Príncipe e a Moça nessas glórias, tudo dava acerto (ROSA, 2006, p. 164)

No universo fantástico de *Grande Sertão: Veredas*, é Diadorim com seus verdes olhos, princesa — por herança simbólica de seu pai, Joca Ramiro, um “grande homem príncipe”, um “rei da natureza” e “um imperador em três alturas” (ROSA, 1986. pp. 9, 28 e 154) — dissimulada em valente guerreiro, quem ocupa o lugar de Dom Varão, conforme a “estória” que lhe dá origem. E Riobaldo é aquele que — vivendo em seu “descuido prosseguido” (ROSA, 1986. p. 57), em seu capinar solitário e sem ter ninguém com quem se aconselhar a respeito das “demasias do coração” (ROSA, 1986. p. 327) e que lhe ensinasse os “estratégias” necessários para a resolução de seu enigma — não consegue atinar para os acenos feitos por Diadorim em todo o percurso realizado desde aquele segundo e fatal encontro com o Menino, agora o Reinaldo:

Se eu não tivesse passado por um lugar, uma mulher, a combinação daquela mulher acender a fogueira, eu nunca mais, nesta vida, tinha topado com o menino? — era o que eu pensava. Veja o senhor: eu puxava essa idéia; e com ela em vez de me alegre ficar, por ter tido tanta sorte, eu sofria o meu. Sorte? O que Deus sabe, Deus sabe (ROSA, 1986. p. 121).

Entre os muitos sinais do encobrimento/descobrimento dados por Diadorim a Riobaldo, pode-se aqui ressaltar alguns: a) muito embora sendo seu melhor amigo, é de Riobaldo que Diadorim parecia ter “um espevito de desconfiança” (ROSA, 1986. p. 20); b) os vários desaparecimentos de Diadorim durante a narração como um indício do pudor em relação ao mostrar de seu corpo: “Diadorim desconversou, e se sumiu, por lá, por aí, consoante a esquisitice dele, de sempre às vezes desaparecer e tornar a aparecer, sem menos. Ah, quem faz isso não é por ser e se saber pessoa culpada? (ROSA, 1986, p. 50); c) já no encontro com o Menino, um aceno apenas compreendido pelo mulato que interpreta com malícia o encontro dos dois adolescentes (ROSA, 1986, p. 91); d) o nome “Diadorim” confiado apenas a Riobaldo parece indicar que, quando sozinho com ele, é a mulher quem está presente: “[...] Pois então: o meu nome, verdadeiro, é Diadorim... Guarde este meu segredo. Sempre, quando sozinhos a gente estiver, é de Diadorim que você deve me chamar, digo e peço, Riobaldo...” (ROSA, 1986, p. 134); e) tem-se mais um indício do pudor em relação ao esconder do corpo quando Riobaldo menciona o uso um jaleco “que ele tirava nunca” (ROSA, 1986, p. 151); f) uma cena de disputa entre Otacília e Diadorim, demonstrando que a primeira já parecia conhecer a decifração do enigma. Assim, após informar a Riobaldo o nome de uma flor como sendo “casa-comigo”, Otacília informa a Diadorim, a respeito da mesma flor, um outro nome: “Ele se chama liriolo[...] O que informou, altaneira disse, vi que ela não gostava de Diadorim[...] Diadorim era mais do ódio do que do amor” (ROSA, 1986, p. 165). Nesta página, bastante enigmática numa primeira leitura do romance, deixa bastante claro a incompreensão de Riobaldo do acontecimento Diadorim em sua existência. O que aqui é sofridamente sussurrado, apenas será esclarecido ao inter-

locutor ao final da narração e a quem é pedido que espere o contado, pois, “só aos poucos é que o escuro é claro”; g) os banhos de Diadorim: “Só, por acostumação, ele tomava banho era sozinho no escuro, me disse, no sinal da madrugada” (ROSA, 1986. p. 124). Por fim, pode-se também falar de situações específicas quando o bando de jagunços se encontra em guerra: o desaparecimento para cuidar de um ferimento e as conversas em particular com a mulher do Hermógenes, feita prisioneira, talvez pedindo sua intervenção caso alguma coisa de extraordinário acontecesse com ele, Riobaldo, durante o confronto.

No fim das contas, é Diadorim, já perdido de amor e percebendo as mudanças no modo de sentir do agora pactário, mas, sempre distraído Riobaldo, quem acena de modo mais categórico e desesperado com um possível desfecho em direção ao esclarecimento do “sexo pertencido” ou daquilo que “será desenvolvido ao longo do romance como a extensa história do amor proibido entre dois homens” (BOLLE, 2004. p. 254). Diadorim a Riobaldo:

Daí, mesmo, que certa hora, Diadorim se chegou, com uma avença. Para meu sofrer, muito me lembro. Diadorim, todo formosura. — “Riobaldo, escuta: vamos na estreitez deste passo...” — ele disse; e de medo não tremia, que era de amor — hoje sei. — “... Riobaldo, o cumprir de nossa vingança vem perto... Daí, quando tudo estiver repago e refeito, um segredo, uma coisa, vou contar a você...” Ele disse, com o amor no fato das palavras. Eu ouvi. Ouvi, mas mentido. Eu estava longe de mim e dele. Do que Diadorim mais me disse, desentendi (ROSA, 1986. p. 450).

Talvez aqui esteja o maior aceno dado por Diadorim a Riobaldo na narração. Aceno dado como uma espécie de promessa de um total desencobrimento. Talvez, tão grande e claro quanto aquela promessa que se dá no momento em que Riobaldo oferece-lhe de presente a pedra de safira; a mesma pedra que ocasionará, um pouco mais adiante na narração, mais uma crise de ciúme em Diadorim que, com certa pirraça, aconselha Riobaldo a oferecê-la a Otacília como presente de noivado. Pensando bem, talvez o mais evidente aceno e que Riobaldo sente não ter pressentido: aqui, Diadorim parece referir-se, ao aceitar posterior do presente, como quem irá aceitar uma jóia que servirá para concretizar um compromisso afetivo. Contrariado, Riobaldo assim resume este momento:

[...] tornou a me dar a pedrinha, só dizendo: “Deste coração te agradeço, Riobaldo, mas não acho de aceitar um presente assim, agora. Aí guarda outra vez, por um tempo. Até que quando se tenha terminado de cumprir a vingança de Joca Ramiro. Nesse dia, então, eu recebo...” (ROSA, 1986. p. 328)

Diferente do desfecho, que parecia ser possível na estória contada por Joana Xaviel em *Corpo de Baile*, em que a astúcia e o esclarecimento por fim se encontrariam, em *Grande Sertão: Verdades*, ao final, nada mais restará, senão o trabalho de uma memória que ainda busca explicar, para si própria, algo que somente se revelou com a sangrenta morte de Diadorim, mas que ainda, ao que parece, perdura como uma neblina. Contar parece aqui com um expiar e um conhecer a respeito de uma existência que é sempre um “aprender-a-viver” (ROSA, 1986. p. 518). Cito aqui trecho de uma página do romance já mencionada anteriormente:

O senhor mesmo, o senhor pode imaginar de ver um corpo claro e virgem de moça, morto à mão, esfaqueado, tinto todo de seu sangue, e os lábios da boca descorados no branquiço, os olhos dum terminado estilo, meio abertos meio fechados? E essa moça de quem o senhor gostou, que era um destino e uma surda esperança em sua vida?! (ROSA, 1986. P. 165)

## Conclusão

Enquanto acontecimento e fio de Ariadne para a narração de Riobaldo, já em seu “despoder” e num tempo em que “jagunço, por aí pena, pede esmola” (ROSA, 1986. p. 17), Diadorim serve para ele como ponto de contato entre o viver e o distante compreender desse mesmo viver. Sem escolha e contando sua história como aquela de “um homem que deixou morrer o grande amor de sua vida” (BOLLE, 2004. p. 258), resta-lhe apenas a compreensão de que ele se encontra em constante travessia e de que, para o melhor ou para o pior, há de pensar “para diante” (ROSA, 1986. p. 538). Depois de sua experiência reveladora e já convalescente, Riobaldo parece compreender a inexorabilidade do vir-a-ser e do querer viver, enquanto lugares de um tatear do humano, no mostrar-se claro/escuro dos acontecimentos.

Como tudo, embora ainda insepulto na memória do idoso, Diadorim, enquanto **aquele** que agora parece ter oferecido uma falsa e amarga amizade e **aquela** na qual o pudor impediu o revelar de seu amor, também teria que passar:

E, o pobre de mim, minha tristeza me atrasava, consumido. Eu não tinha competência de querer viver, tão acabadiço, até o cumprimento de respirar me sacava. E, Diadorim, às vezes conheci que a saudade dele não me desse repouso; nem o nele imaginar. Porque eu, em tanto viver de tempo, tinha negado em mim aquele amor, e a amizade desde agora estava amarga falseada; e o amor, e pessoa dela, mesma, ela tinha me negado. Para quê eu ia conseguir viver? Mas o amor de minha Otacília também me aumentava, aos berços primeiro, esboço de devagar. Era. (ROSA, 1986. p. 535-536)

## Referências Bibliográficas

- [1] BOLLE, W. *grandesertão.br*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2004.
- [2] HEIDEGGER, M. *Ensaio e conferências*. Petrópolis: Vozes: 2002.
- [3] NIETZSCHE, F. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- [4] \_\_\_\_\_. *Além do bem e do mal: Prelúdio a uma Filosofia do Futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- [5] ROSA, J. G. *Corpo de Baile – volume 1*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- [6] \_\_\_\_\_. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

---

## Autor

<sup>1</sup> **Prof. Dr. Volnei Edson dos Santos**

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Departamento de Filosofia e Programa de Pós-Graduação em Letras

volnei@sercomtel.com.br